

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3540 réis — Semestre, 1370 réis — Trimestre, 335 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Polha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franquada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis — Semestre, 13500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 58

SEXTA-FEIRA 17 DE JANEIRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

A opinião pública não dorme. Illudem-se os que pensam que a governação do estado passa exmpta de reparos e censuras. O povo enxugou o pranto derramado por quem lh'o merecia, e, tornado a si d'aquella dôr, que tão fundo o magoou, elle, que teve coração para tanto sentir, alma para tanto pensar, tem agora toda a força necessaria para encarar os interesses communs, toda a energia sofficiente para examinar se elles são curados com zelo, e dedicação!

Um povo, que se deixa vergar ao peso da desventura, que não reage contra as demazias do proprio sentimento, e que fica eternamente a lamentar-se da sua má sorte, um povo tal, possui na verdade thesouros de sensibilidade mui dignos d'admiração, mas não tem o bom juizo de reflectir que as calamidades não se adivinham, e que não ha obstaculos a oppôr-lhes, quando ellas na sua furia devastadora impellem ao aniquilamento individuos, familias, e repúblicas.

Os portuguezes são essencialmente instictivos. Sabem que a dôr deve ter um termo, e que não é avisado enervar o espirito, quando a causa pública carece d'elle, quando o governo da nação para em mãos de homens, cujos actos podem d'um momento para outro comprometter a existencia politica do paiz. D'aqui vem este calor de discussão; d'aqui vem este intrinsecamente quasi una nime das multidões na indagação das cousas publicas; d'aqui vem esta intelligente e admiravel transição, que acaba de operar-se, tanto mais intelligente, tanto mais admiravel, quanto é natural, energica, expontanea.

Nações de maior vulto se hão curvado, ex-haustas d'animo, de coragem, tendo ainda muito a esperar da providencia. Outras, cansadas no meio da lucta, obliterados os dogmas da sua igreja politica, deixaram-se cahir no antigo abatimento para não mais se erguer d'elle. E' que os elementos das suas individualidades, como corpos collectivos, não eram assaz poderosos; e que as raizes das suas nacionalidades haviam profundado pouco no coração dos povos, e assim jaziam desamparadas d'aquelle abrigo sem o qual nada resiste ás tempestades da vida.

Para que os principios constitutivos d'essas grandes entidades sociaes, chamadas nações, se mantenham inteiros e indestructiveis, é necessario mais alguma cousa do que uma lei fundamental. Hão de os povos consideral-os os unicos, que lhes podem dar a felicidade, e vêr n'elles, como que um decalogo especial concedido por Deus para sua prosperidade e salvacão. Hão de estar convictos de que é necessidade imperiosa, obrigação indeclinavel de cada cidadão guardar a integridade dos fóros sobre os quaes assentam as bases primordias da sua vida politica, civil e religiosa. Hão ter fé nos homens, que presidem á suprema direcção do estado, e crer firmemente que elles governam para beneficio da comunidade, e não pelo mesquinho e reprehensivel desejo de

FOLHETIM

D. GARCIA DE MENEZES

Conto por J. E. L. de M.

III

Da enfermidade de que morriam os pilotos das naos de El-Rei no seculo XVI.

(Continuação do n.º 57)

— O que digo, é que me parece estar já vendo o Pico de Adam. (7)

A brisa tinha entretanto refrescado, e o navio fendia com tal rapidez as ondas, que dentro em muito pouco se poderia decidir qual dos dois contendores, mestre Alvaro, ou mestre Rabello, tinha affirmado a verdade nas suas asserções contradictorias.

O piloto da nao passeiava cabisbaixo e agitado pela tolda. João Rabello de Lima veio ter com elle.

— Olhae, lhe disse, alli vem o termo da nossa contenda.

E mostrou na direcção da terra um ponto branco, que parecia mover-se á mercê das ondas.

— E' um barco, que vem ao nosso encontro, exclamou o Dias, encostando-se á amurada, e deixando-lhe um olhar tão carregado de desejo, que o barco, cortando agora as agoas com maior velocidade, pareceu obedecer á força magnetica d'aquelle olhar.

(7) Grande montanha na Ilha de Ceylão.

possuir influencias e de dispôr do poder official. Hão de ter para si que nas horas de angustia todo o individuo se deve ao serviço da patria, e que nenhum tem o direito recusar-lhe o seu braço, quando ella exigir o auxilio de todos os seus filhos. Portanto haja nos povos esse amor da terra natal, que se chama — patriotismo, e as nações viverão seguras si, e do seu futuro.

Aqui está o segredo da manutenção da nossa autonomia; se não fora o amor patrio de que o povo é dotado, Portugal teria succumbido ás successivas luctas em que desde o reinado de D. Maria I até nossos dias se tem achado envolvido. Uma vez pela sua bem cabida prudencia, outras pela sua preservança e valôr indomaveis, e sempre pelo seu patriotismo, que é o que constitue o germen de todas as virtudes civicas, conseguiu o povo libertar esta terra do abysmo em que se despenhava.

Mas, tantas provas de firmeza de caracter, tantos exemplos de vigor estavam apagados da lembrança da Europa, e foi preciso que ella nos visse com as lagrimas nos olhos, victimas do mais nobre infortunio, para perceber que ha aqui um povo, que, assim como sente as tristezas da desgraça, assim tambem ha de sentir as alegrias do triumpho.

Perceba igualmente o governo que o paiz conhece e avalia a gravidade da situação, que está atenta aos seus actos a opinião publica, e que ella espera de si, excepcionalmente, a resolução mais constitucional que possa tomar-se sobre a questão que hoje mais preoccupa os espiritos, qual é a da successão ao throno.

M. DE M.

O estado das nossas relações com a corte de Roma por mais que o disfarce a diplomacia, um pouco pretenciosa do sr. ministro dos negocios estrangeiros, não é regular, e disso é symptoma a retirada do nosso ministro, o sr. visconde d'Alte. Podem ser escuros e ignorados os motivos, mas é opinião unanime, e o tempo mais tarde o confirmará, que houve uma subita alteracão de relações diplomaticas entre as duas cortes.

E' possivel mesmo que os elementos que promoveram essa alteracão, venham de longe. E' de crer que a negação da licença para a desamortisação dos bens das freiras ali entrasse por alguma cousa, e é sabido que já entre o sr. Avila e o cardeal Antonelli, houve desintelligencia por causa dos negocios de Goa, resolvendo s. ex.ª que o arcebispo nomeado para aquella diocese partisse sem primeiro ir a Roma, condição que parece haver sido exigida pelo Santo Padre, para a expedição da respectiva confirmação.

O sr. Avila prometteu não proceder á desamortisação sem obter da curia um breve, que a auctorisasse. O breve não chegou, e a venda dos bens vai em caminho. O arcebispo nomeado para Goa declarou, que não partia sem que fosse levantada a excommunhão aos ecclesiasticos fulminados pelo celebre breve *Pretidum commentum*. O arcebispo não partiu, nem a excommunhão foi

D'entro n'uma hora era recebida a bordo da nao *S. Pedro* a tripolação do barco, que finalmente chegára. E qual foi a anciedade de Alvaro Dias ao ver abordar a embarcação, onde se continha o seu destino, ao vel-o trepar pela amurada, penetrar a bordo, quedar frente a frente comsigo, e ao vel-o ser interrogado finalmente pelo Malabar, em lingua que ignorava, não cabe na penna dizel-o.

Da resposta dos indigenas pendia cousa tão seria e prezada como o sceptro e o throno d'um rei; pendia, ou triumphante ou derrotado, o orgulho ultra satânico d'um piloto daquelle epoca, orgulho talvez perdoado em mestre Dias, por tantos annos de navegações prosperas, por tantas naos, que do Portugal tinha conduzido á India, a salvo do tormentorio, (8) tufões, borrascas e mais divertimentos dos portuguezes d'então.

Fallando dos sentimentos, que perturbavam a alma de mestre Dias, não devemos de callar outros mais tranquillos, mas inda bem anciosos. Eram os de João Rabello. Menos na intensidade, eram estes analogos aos do piloto da nao, mas com esta differença mais, que o triumpho de Alvaro Dias importaria a derrota de João Rabello; o triumpho de João Rabello a derrota de Alvaro Dias. *Vita Corradini, mors Caroli; vita Caroli, mors Corradini*.

A palavra, que havia de adornar com os lou-

(8) Nome que El-rei D. João 2.º mudou no de Boa-Esperança, graças a uma figura de Rhetorica e mais a Bartholomeu Dias, e suum cuique.

levantada. Com isto coincide o reconhecimento do novo reino da Italia, a falta dos cumprimentos do Santo Padre, por occasião do fallecimento do sr. D. Pedro V, e a retirada de Roma do sr. visconde d'Alte. São sobejos motivos, supponnos nós, para acreditar, que existe de facto desintelligencia entre as duas cortes.

Sentimol-o, porque sentimos tudo o que pode produzir quebra das nossas relações amigaveis com outra qualquer corte, seja ella poderosa ou inermes. Não contamos os canhões de que pode dispor uma potencia, para ajuzarmos do seu procedimento para conosco. Mas entendemos tambem que o governo portuguez não pode continuar a curvar-se ás exigencias desrazoadas da curia romana, como por vezes tem feito. Respeitando o Santo Padre, como chefe visivel da igreja, podemos e devemos manter a nossa dignidade politica. Não desejamos que o governo constitucional de D. Luiz I soffra do governo de Pio IX, o que o governo absoluto de D. João III, por exemplo, soffreu do governo de Paulo III, que, dizia o nosso embaixador, D. Henrique de Menezes, *fazia menos caso do rei de Portugal, do que d'um cão de infiel*.

A Nação, dizia ha dias em um seu artigo, que parecia escripto na chancellaria do Vaticano, que nós eramos orgulhosos com o Santo Padre, porque elle não tinha os canhões da França, que nos amedrontaram na questão do *Carlos e Jorge*, e insinuava, que se o governo portuguez queria fazer passar por humilhações o ministerio d'Antonelli, o Santo Padre, que até aqui soffrera como pae paciente, podia para o futuro uzar dos rigores da sua justiça. Cremos que a Nação se engana. Quem nos quer humilhar é o ministerio d'Antonelli. E a nossa opinião é que nem um nem outro deve querer ser humilhado, nem o governo de Portugal, nem o de Roma.

Anciamos por sermos informados deste importante negocio, e estamos sinceramente convencidos que em cousas de tanto vulto não pode ser admittida a delaracão que o sr. ministro dos estrangeiros fez ha dias na camara; que ninguem podia obrigar-o a informar o publico do que havia. Persuadimo-nos do contrario: que podia e devia ser obrigado a prestar essas informacões.

A. P.

Foi finalmente resolvida pelo sr. ministro da fazenda a representacão feita pelos habitantes d'esta cidade, para que Aveiro passasse da terceira para a quarta ordem na distribuição da contribuição industrial. Fez-se justiça aos requerentes, e, sem nos julgarmos obrigados a agradecer, folgamos em registral-a.

Igualmente foram deferidas identicas representações dos habitantes de Oliveira d'Azemeis e Estarreja, passando a primeira da quarta para a quinta ordem, e a segunda da quarta para a sexta.

Sabemos que estas resoluções foram tomadas, precedendo informe favoravel do sr. delegado do thesouro do districto.

A. P.

ros da victoria a frente de um dos contendores, fazendo derramar ao outro as lagrimas dos vencidos, sahio emfim da bocca de um dos tripolantes do batel, que tinham subido a bordo, passou á do Malabar, e vestida de traje portuguez echoou nos ouvidos dos navegantes em expectativa. A terra que tinham á vista..... *væ victis!* era Ceylão.

Mestre Alvaro não disse uma só palavra, mas um estremecimento percorreu-lhe todos os membros, a pallidez da morte descorou-lhe o semblante, vacillou, susteve-se, e, abaixando a cabeça, desceu pela escotilha, e fechou-se no camarote. Meio morto ia elle já quando se retirou; ao cabo de trez dias estava morto de todo, morto em pessoa, como disse Xavier de Maistre, e sua alma onde sua vida a levou.

João Rabello de Lima deitara a Alvaro Dias um olhar pouco generoso, oude a alegria do triumpho brilhava demasiadamente perante o rival abatido; mas a quem será dado apagar á nascença aquelle primeiro relampejar da soberba humana, vicio que nos foi concedido vencer, sim, mas não desenraizar completamente da nossa pobre alma? Tendo esta tantas qualidades communs com a dos anjos, lhe dá aquelle vicio e tantos outros, outras tantas communs com a do príncipe do mundo!

Quantas pessoas então havia a bordo tinham subido todas ao convez, rindo, cantando e dançando, traduzindo cada qual na lingua, que mais facil expressão lhe offerencia, o prazer immenso de ter escapado ao mar, ao vento, aos tubarões;

O sr. deputado por Ovar, Sant'Anna e Vasconcellos, pedio, na sessão do dia 10, ao sr. ministro das obras publicas para mandar fazer os estudos precisos sobre a conveniencia de uma estrada que ligasse aquella villa com a de Oliveira d'Azemeis. O sr. ministro respondeu que o pedido do sr. Sant'Anna estava prevenido em parte, tendo-se já mandado preparar o projecto d'essa estrada como principio d'outra que tinha de ir mais longe, e que logo que o projecto estivesse concluido, s. ex.ª applicaria para alli a porcentagem que lhe competisse dos fundos votados para obras d'esta natureza.

Votamos pela construcção de todas as estradas, e em todas as direcções possiveis. Entendemos que sem que o paiz esteja retalhado por estradas, que comuniquem todas as povoações, não pode haver verdadeiro progresso, nem a nossa riqueza agricola e industrial tomar o conveniente desenvolvimento. Quando muito, distinguimos entre ellas algumas de mais secundaria utilidade, a que devem ser preferidas outras de mais immediata importancia e interesse, até que as circumstancias economicas do paiz permitam que chegue a todas a sua vez.

Com o que nos não conformamos é com o systema, que ultimamente se adoptou entre nós, para fazer estradas. Não se vota uma estrada, votam-se ao mesmo tempo duzias dellas; não se manda fazer um projecto, ordena-se, pelo mesmo officio ás vezes, o estudo de centenas delles. Com uns, embarçam-se os outros; preteram-se as obras que já estão em construcção para abrir novas, e conservam-se muitas abertas no mesmo districto, repartindo-se por cada uma, uma migalha do orçamento.

Isto assim não é máo, é pessimo. No fim não temos estradas, temos retalhos d'estradas, ou apenas projectos.

Neste districto, ao passo que ha uma infirmitade de estudos feitos sobre diversas estradas, todas de mais ou menos utilidade, não se tem avançado um palmo na mais importante de todas, a d'Aveiro a Vizeu. Uma pendencia local sobre a directriz tem empecido a abertura dos trabalhos. Mas quando esta estiver em construcção tambem lhe hade ser votada uma porcentagem, e, como é dispendiosa, levará talvez annos a construir!

Concordamos com o sr. Sant'Anna, que Ovar ligado com o Porto pelo caminho de ferro precisa d'uma estrada que a communique com o interior. Esta estrada será a d'Oliveira d'Azemeis, que vai tambem ser communicada com Arouca por outra estrada. E' a esta, cujos estudos nos consta estarem já concluidos até a Farrapa, que alludio o sr. ministro. Mas se abrirem conjuntamente as obras nesta estrada, na de Oliveira, para a qual não sabemos que por em quanto se desse um passo, na de Vizeu, que é realmente a de maior interesse, e em mais quatro ou cinco, igualmente projectadas, como se poderá occorrer ás despesas de todas?

de chegar emfim a terra, poder cheirar as flores, respirar o aroma das campinas, deitar-se á sombra das arvores *corpora sub ramis deponunt arboris*, e tudo quanto de poesia solida costuma lembrar a todos os Eneas, cansados de por espaço de seis mezes terem occupado a imaginação na contemplação do Oceano, trombas d'agua, chuviros e quantos outros phenomenos se offerecem aos olhos do homem do mar.

IV

Dos grandes apparatus e festejos com que o vice-rei foi recebido em Goa; e de como em quanto Fernão Rume andava ausente de sua casa, tinha n'ella dado entrada a fortuna.

Do capitulo precedente até este, em que entramos agora, saiba o leitor que desembarcou em Colombo, na ilha de Ceylão; viu Cochim; vizitou as fortalezas de Challe e Cananor, e vai finalmente entrar em Goa, onde assistirá aos grandes festejos, que, não obstante o grande respeito, que o *susodito* leitor nos inspira, somos comtudo obrigados a confessar, em honra da verdade da historia, não foram por nós preparados para alli o recebermos, mas sim pela muito nobre e sempre leal cidade de Goa (como ha trezentos e alguns annos lhe chamava D. João de Castro) para celebrar a entrada do mui alto e nobre fidalgo o sr. D. Affonso de Noronha, irmão do marquez de Villa Real, a quem el-rei de Portugal chamava sobrinho, e que com o titulo de 4.º vice-rei vem agora tomar nas mãos as redeas do governo da India.

(Continúa)

Repetimos : nós queremos que se faça a estrada recommendada pelo sr. Sant'Anna, queremos que se façam todas, cuja conveniência, como naquelle caso, somos e seremos sempre os primeiros a advogar, por dever de posição e de consciencia. Mas espere-se que umas se conclua para se principiar com as outras. Façam-se todas mas cada uma por sua vez.

A. P.

CAIXA ECONOMICA.

Podemos hoje dar logar nas columnas d'este jornal ao relatório apresentado pela direcção da Caixa Economica á assemblea geral dos accionistas que se reuniu, no seu escriptorio, no dia 6 do corrente.

Tudo o que podiamos dizer do progresso d'este estabelecimento está ali dito, mais eloquentemente nas cifras, do que nas palavras. É facil ver que hoje é uma instituição importante, da qual pode provir á cidade, e talvez ao districto, incontestavel utilidade. Em menos tempo não era possível, affigura-se-nos, tomar maior desenvolvimento, consentaneo com os seus fins e organização.

A sua organização não permitiria decerto que tomasse proporções gigantescas, e que começasse logo por dispôr de sommas avultadas. Não poderia mesmo fazel-o sem deixar de ser o que é. Não precisamos dizer o que todos sabem, ou devem saber; que as caixas economicas são pequenos bancos, para receberem apenas as economias dos menos abastados. O nome o diz. Desviar-se d'este modesto intuito seria desnaturar-se, e arriscar-se a uma ruina immediata.

Nestas proporções, tem ido até ao maximo que podia ir no pequeno periodo da sua existencia. Ninguém poderia exigir mais. Os mais confiados não esperavam de certo tanto. O credito de que o estabelecimento goza tem atrahido uma grande quantidade de depositos, e entre as classes a quem elle é principalmente dedicado, começa a desenvolver-se a confiança que inspira o desejo de se aproveitar dos seus beneficios. Quando tiver conseguido que este desejo se converta em habito, e as classes operarias o considerem como o depositario de todas as suas pequenas economias, o que por em quanto não fazem na escala em que seria para desejar, então terá attingido o mais santo dos seus fins, e começará a mais brilhante epocha da instituição.

O que essas classes lhe devem já é o cautério d'um dos maiores canceros que as devorava. A Caixa Economica quasi que abafou a usura. Hoje, nas suas precisões, é aquella que recorrem. O que mais avulta na somma dos emprestimos, são as quantias mutuadas por pobres operarios e pescadores, a quem a usura costumava augmentar e agravar a pobreza. E não é só aos da cidade. Para uma povoação proxima, onde as condições dos seus habitantes são mais precarias, sabemos que vão annualmente muitos contos de réis, em quantias minimas, que melhor denotam a miséria de quem as mutua.

Uma das direcções anteriores havia pedido d'accordo com a assemblea geral, que o maximo dos depositos fosse elevado de 400\$000 réis a 1:000\$000 réis, a fim de poder satisfazer a todos os pedidos, e occorrer a todas as necessidades, que vinham valer-se d'ella. O governo reusou, com o fundamento de que isso desnaturaria a instituição. Tove talvez razão. Ha maximos mais elevados do que 1:000\$000 réis em Caixas Economicas estrangeiras, e n'esses exemplos fundava tambem a direcção o seu pedido, mas a affluencia dos depositos demonstrou em breve, que, mesmo conservado o maximo como estava, seriam os emprestimos que escasseariam, tornando-se difficil pôr em giro todos os capitales recebidos. É o que se deduz do relatório que vamos publicar.

A Caixa Economica de Aveiro é, talvez possa dizer-se, a unica que actualmente existe no continente do reino. Pode, porém, e deve em vista dos resultados que tem obtido, servir de incentivo a que se criem outras em outras localidades.

O pensamento das Caixas Economicas não é novo; mas a sua traducção em facto é que o é entre nós. Ha muitos annos que elle ali appareceu em ensaios. Não levamos em conta essas tentativas que avortaram logo. A instituição da Caixa Economica aqui encontrou-se, pois, como era natural, cercada de todas as resistencias, de todas as más vontades que neste paiz costumam empecer tudo o que nasce e é desconhecido.

Folgamos que essas resistencias cessassem, que as apprehensões se desfizessem, e que as más vontades se convertessem em amor pelo benefico estabelecimento. Esperamos muito de todos que tem interesses na sua conservação, e recommendamos aos nossos collegas da imprensa que tomem do progresso d'este, thema para aconselhar a propagação d'iguas estabelecimentos no paiz, onde podiam ser de grande vantagem.

Além do relatório, publicamos tambem os balanços do movimento e estado da Caixa no anno passado de 1861, e que nos foram igualmente enviados pela direcção.

A. P.

Senhores.—Os estatutos deste estabelecimento designam o dia d'hoje 6 de janeiro para aqui nos reunirmos em assemblea geral, e pela direcção que gerio durante o anno findo vos serem presentes as contas e o relatório da sua gerencia. Vem portanto esta direcção cumprir hoje esse dever.

Honrada pela vossa confiança em duas eleições consecutivas, é com a maior satisfação que comparece deante de vós por isso que ainda desvez, e desta vez mais ainda que das outras,

pode annunciar-vos o bom resultado dos seus esforços em prol d'este estabelecimento, e a prosperidade sempre progressiva d'elle.

Como podereis ver pelas contas que estão patentes ao vosso exame, esta Caixa Economica tem continuado sempre a augmentar as suas transacções, em razão d'uma serie de circumstancias felizes que não são vulgares, nem em estabelecimentos desta ordem nem no nosso paiz.

Nos doze mezes decorridos de janeiro a dezembro de 1861, o valor dessas transacções duplicou do que foi em igual periodo de 1860. A importancia dos depositos que era em principios do anno passado de sete contos cento vinte e tres mil quinhentos e quinze réis (7:123\$515 rs.) subiu durante o anno a mais do duplo, e ao fechar do balanço em 31 de dezembro ultimo, a Caixa tinha a seu cargo quinze contos nove centos sessenta e sete mil quinhentos e setenta réis (15:967\$570 rs.) Este aspecto é sem duvida li-songeiro e animador.

O movimento dos depositos foi correspondente. As entradas montaram a 13:250\$210 réis e as restituções a 4:406\$155 réis.

Esta affluencia de capitales consideravel relativamente ao circulo restricto das suas transacções, não podia deixar de tornar difficil a prompta sahida d'elles. Effectivamente assim succedeu em alguns mezes do anno, nos quaes como pode ver-se pelos respectivos balancetes a direcção se viu obrigada a conservar em cofre, quantias incontestavelmente superiores ás forças ordinarias do estabelecimento.

Para fazer face a esta estagnação prejudicialissima, o primeiro expediente que se antolhava era abaixar a taxa do juro aos mutuarios. Isto, porém, não daria resultado algum a favor da Caixa, antes podia dal-o contrario, pela natureza especial das transacções, a que se applica.

Dos tres mil e trescentos emprestimos que a Caixa tem feito nos tres annos da sua existencia, quatro quintos são de quantias inferiores a dez mil réis, nas quaes a differença do juro avultando para o estabelecimento é quasi nulla para o mutuário. Não poderia portanto suppor-se com bons fundamentos que o abatimento da taxa fizesse crescer a procura da parte d'esta especie de mutuarios, em quanto que era certissimo o desfalque nos lucros da Caixa, e ao mesmo passo que ella tinha de fazer face a maiores perdas provenientes da retenção dos depositos no cofre.

O que a direcção entendeu melhor, foi fazer algumas modificações com relação a uma ou outra quantia mais avultada, na qual, por um lado, mais lucrava o estabelecimento, e, por outro, mais avultava o juro. Preferiu isto, e de certo era preferível a relaxar as condições de credito, exigidas ás firmas garantas.

Julgou, e é ainda sua opinião que a segurança deste estabelecimento, e a confiança que elle deve merecer ao publico, está no escrupulo com que se facultar o dinheiro que é confiado á gerencia d'elle. Por isso não duvida confessar que não poucas vezes, tem preferido conservar em Caixa maiores sommas, a aceitar propostas, as quaes faltam, no seu parecer, as necessarias seguranças.

Apesar de tudo, a direcção emprestou durante o anno de 1861 = 15:894\$805 réis, e percebeu de juros = 888\$335 réis.

Com esta ultima verba pode pagar os juros vencidos pelos depositantes no valor de 522\$145 réis, occorrer ás despesas do expediente = Réis 175\$175, e, descontados os juros já pagos pelos depositos restituídos durante o anno = rs. 37\$745 ainda sobram 153\$270 rs. que passam a Perdas e Ganhos. Esta ultima quantia junta á de 98\$465 réis que passou do anno antecedente prefaz a de 251\$735 réis que constitue actualmente o fundo de reserva, de que tracta o artigo 20 dos estatutos.

Não foi pois sem felicidade que a direcção venceu as difficuldades que lhe podiam provir da aglomeração dos depositos em cofre. É de crer que posteriormente ellas se não repitam, embora continue a affluencia de depositantes, como o credito da Caixa faz suppor, se houver nas futuras direcções o cuidado de ir alargando cautellosamente sim, mas sempre que a occasião o permita, a area, ainda hoje muito limitada das suas operações. Apesar de crecido, para aquillo a que se destinava, e com relação ao tempo e natureza da instituição, o capital da Caixa seria insignificante se o lançassem em outros mercados, onde o numerario não abunda presentemente, estando ali a taxa do juro superior áquelle a que este estabelecimento poderia resumir-se.

O que é um facto, que já vós tereis advertido, senhores, é que a gerencia desta Caixa vai tornando-se de dia para dia da maior delicadeza e gravidade. O trabalho da sua escripturação, por outro lado, tem-se complicado notavelmente pela miudeza e multiplicidade das operações, e reclama hoje uma rigorosa applicação d'aquelles que o tem a seu cargo. A conta d'isto deve lançar-se o augmento das despesas com o expediente, e que sem duvida accompanhará o progresso da instituição.

Finalmente, senhores, a Caixa Economica de Aveiro tem hoje um futuro promettedor, sobretudo para as classes mais desvalidas, a quem já está prestando valiosos serviços, e reclama que a cerquem dos nossos mais assiduos desvelos. É esse um dever imperioso, ao qual nenhum de nós quererá certamente faltar.

Escriptorio da Caixa Economica de Aveiro, em assemblea geral de 6 de janeiro de 1862.

Manuel José Mendes Leite
Francisco José Barbosa
Bento de Magalhães
Antonio de Sá Barreto
Agostinho Duarte Pinheiro e Silva

Balanço da Caixa Economica d'Aveiro em 31 de dezembro de 1861, extrahido dos livros competentes.

— ACTIVO —

Valôr em letras a vencer em diferentes prazos	13:885\$270
Dito em móveis e aprestos de escriptorio	28\$650
Dito em caixa	2:827\$530
	16:741\$450

— PASSIVO —

Valôr dos depositos não restituídos, a cargo da caixa	15:967\$570
Juros vencidos pelos mesmos até esta data	522\$145
Lucros a passar a perdas e ganhos	251\$735
	16:741\$450

Escriptorio da Caixa Economica 1 de janeiro de 1862.

Balanço do movimento da Caixa Economica d'Aveiro desde o 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1861.

— ENTRADAS —

Depositos recebidos de 158 depositantes	13:250\$210
Juros recebidos	888\$335
Valor das letras recebidas	9:290\$070
Saldo do anno antecedente	170\$325
	23:598\$940

— SAHIDAS —

Emprestimos feitos a 521 mutuarios	15:894\$805
Juros pagos pelos depositos restituídos	37\$745
Ditos pertencentes aos depositos existentes em 31 de dez.º 1860	257\$485
Depositos restituídos	4:406\$155
Despeza com o expediente	175\$175
Dinheiro em caixa, que passa para o anno seguinte	2:827\$530
	23:598\$940

Escriptorio da Caixa Economica 1 de janeiro de 1862.

Manuel José Mendes Leite
Francisco José Barbosa
Bento de Magalhães
Antonio de Sá Barreto
Agostinho Duarte Pinheiro e Silva

PARTE OFFICIAL

Do Diario de Lisboa de 9 do corrente, copiamos o seguinte :

LISTA 45

Arrematação no thesouro publico no dia 13 de fevereiro de 1862 ás dez horas

Districto d'Aveiro—Conc.º de Aveiro

Bens pertencentes ao convento das religiosas de Jesus, em Aveiro

455 Uma marinha, nas Entortas, com dezesete moios; parte do norte com a Valeria, sul com o estreito das Entortas; nascente com a capella e rebalhinha, poente com os dezesete moios da santa casa e Santissimo Sacramento da Senhora da Gloria — 500\$000.

Bens pertencentes ao convento das religiosas da Madre de Deus, em Aveiro

456 Um campo de lavoura, contiguo á cerca do mesmo convento; parte do norte e nascente com Sebastião de Carvalho e Lima, sul e poente com a dita cerca — 1:100\$000.

Bens pertencentes ao convento das religiosas carmelitas de S. João Evangelista em Aveiro

457 Um pinhal, sito na Patella, que levará de sementeira trinta e quatro alqueires pouco mais ou menos; parte do norte com varios inquilinos, sul com estrada da Patella, e nascente com a quinta de José dos Santos, da Preza — 500\$000.

DISTRICTO DE COIMBRA—CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO

Bens pertencentes ao convento das religiosas de Semide

458 Uma propriedade urbana, que se compõe de lagar de azeite com uma pedra de moer, duas varas, duas tarefas, uma caldeira de cobre, uma casa, um moinho com dois cascaes de pedras de moer, sendo um para milho e outro para trigo, palheiro, uma levada de agua para os dois engenhos, sito tudo no logar de Segade de Cá, freguezia de Semide; parte do nascente com Antonia Pinta das Chans, norte com o rio Ceira, poente com Manuel José de Jesus, das Côrtes, e sul com João dos Santos, de Segade — 990\$000.

459 Um predio urbano, que se compõe de um lagar de azeite com uma pedra de moer, duas varas, duas tarefas, e uma caldeira de cobre, e uma casa o logradouro, sito na Foz do Mosqueiro, freguezia de Semide; parte do nascente e poente com Joaquim Baptista, norte com o rio Ceira, sul com herdeiros de José Baptista — 1:600\$000.

460 Um predio urnado, que se compõe de um lagar de azeite com pedra para moer, duas varas, duas tarefas, uma caldeira de cobre, e uma

casa e logradouros, sito na Ribeira das Donas, freguezia de Semide — 500\$000.

DISTRICTO DE BEJA — CONC.º D'ALVITO

Bens pertencentes ao convento das religiosas de S. José, em Evora

461 Um olival com cento trinta e tres pés de oliveira; parte com oliveiras de Antonio Godinho Barata, ribeira, ribeiro da Fonte e olival dos herdeiros de Pedro José Limpo Toscano — 528\$000.

CONCELHO DE MOURA

Bens pertencentes ao convento de Nossa Senhora da Assumpção do Castello

462 Uma horta, com terra de sequeira e pomar, situada em Valle de Flores — 800\$000.

Districto da Guarda—Concelho de Oliveira do Hospital.

Bens pertencentes ao convento das religiosas do Desagaravo de Villa Pouca da Beira.

463 Uma casa que serve de hospedaria. compõe-se de altos e baixos e repartimentos, proximas ao mesmo convento; partem com a estrada e terras do dito convento — 640\$000.

464. Uma fazenda, sita em Passos de Baixo, denominada Praso da Igreja, no limite da freguezia de Santa Marinha, compõe-se de terra lavradia e secca; parte com a igreja de Passos e ribeiro — 2:200\$000.

Somma Rs. . . . 9:358\$000

Declara-se que os arrematantes não ficam sujeitos ao pagamento do imposto de 1 por cento (artigo 15.º das instrucções de 9 de julho ultimo) nem ao imposto do registro (n.º 3.º do artigo 3.º da carta de lei de 30 de junho antecedente).

Segunda repartição da direcção geral dos proprios nacionaes, 9 de janeiro de 1862.— Joaquim Pedro Seabra.

A pedido publicamos o seguinte :

A * * *

Vem ó brisa, tão fagueira,
Lá da tarde, aqui passar,
Para seres mensageira
D'um adeus, que te vou dar
Para essa virgem d'encantos,
A quem dediquei meus cantos.

Corre, vae mai pressurosa
Com esta prova d'amor,
E lhe pede carinhosa
Que me ame com fervor:
Que mesmo em terras d'aquem
A adoro como ninguém.

Dize-lhe mais com ternura,
Que a não pôde esquecer
Quem a amou com fé tão pura,
Quem soube tantos soffrer
Da sorte crueis' rigores,
Por causa destes amores.

O' briza, sendo cumprida
Fielmente esta missão,
Vôa da minha querida
Para esta solidão,
Aspirar-me um só instante
Perfumes da minha amante.

S. N.

CHRONICA DISTRICTAL

Sevêr do Vouga 10 de janeiro.

Aproveitarei a franqueza que se me faz das columnas do *Districto* para occupar uma parte da sessão destinada á chronica districtal. Esta sessão, seja-me licito dizel-o de passagem, seria a mais importante do jornal, se em todos os concelhos houvesse homens capazes de comprehender a missão a que ahi os convida a redacção e que se prestassem a tomal-a sobre seus hombros. Infelizmente não ha. De ordinario no nosso paiz quando se escreve para a imprensa é para a occupar com questões pessoases, e mexericos impertinentes. Para fallar imparcialmente das necessidades locais, para noticiar os factos occorridos, dos quaes pode resultar algum interesse ao publico, raro é que se vá pedir uma nesga de jornal. Os correspondentes das localidades não se prendem com isso. Não lhes importa o que particularmente os não interessa a elles. E não ha que admirar. O egoismo é hoje a molla de todas as acções humanas.

Por isso tenho visto com pesar que a maioria dos jornaes fecham pertinazmente as portas dos seus escriptorios a tudo que são correspondencias, quando não vai na frente a condição de paga. Tem razão. Ninguém pode censurar-lh'o. Que se encontra na maior parte das correspondencias que ahi publicam quotidianamente os jornaes? Injurias, chocarrisses e necedades, e tudo isso quasi sempre em um estylo tosco e achamboado, que faz dó ler. Cousas que ás vezes até sujam o papel, e desacreditam a imprensa.

O *Districto*, comprehendendo a sua missão e querendo ir d'accordo com o seu titulo, teve a ideia feliz d'abrir esta sessão. E o resultado? É que ella está deserta a maior parte das vezes. Não contava a redacção com alguns homens illustrados, como ha tantos por esse districto, e que servissem de colaboradores da chronica districtal. Por força que devia contar. Alias para que a abriu? Mas o certo é que se passam numeros e numeros em que nem o titulo d'ella apparece.

A mim incumbiram-me tarde desta missão de correspondente: e não se julgue que eu me queixo disso. Por modo nenhum. A redacção tinha todos os motivos para se não lembrar de mim. Mas uma vez que o fez conte que quando mais

não seja uma vez por mez lhe heide dar materia para a chronica. Não prometto que escreverei muito, porque cuido que tambem isso não é o preciso, mas escreverei o que poder, e sobre o que me parecer de mais interesse.

Começa a chronica.

A nova lei de impostos, posto que boa em muitas das suas disposições está dando lugar ás reclamações de todas as classes. E' hoje ainda, e tem sido ha muito tempo, o assumpto de que se occupam todos os espiritos e que faz agitar todos os interesses. Não é só neste concelho mas em todos os das circumvisinhanças, de que tenho noticia. Os povos queixam-se antes mesmo de saberem quanto pagam mais que anteriormente, porque desconhecem o systema, e tudo que é novo os amedronta. Em geral tem razão, porque nas freguezias rurais ha contra o contribuinte ainda um maior inimigo do que o fisco; é a ignorancia dos fiscaes. A guns nem que aprendessem toda a sua vida, seriam capazes de fazer com geito o mais simples trabalho de escripturação. Imagine-se portanto o que elles farão entrando de novo n'um trabalho, que me parece que ha de ser embaraçoso em principio mesmo para um homem intelligente e applicado. Fazem um embroglio que mette medo. Isto mesmo dando de barato que elles tenham ao menos a boa vontade de accertar; porque quando até isso lhe falta, como não raro acontece, então é que a cobrança dos impostos corre verdadeiramente por mãos d'Herodes. Torna-se negocio de compadres, do qual quem sai mais lesado é a Fazenda e algum pobre diabo, ou diabo pobre, que os seus peccados levaram a malquistar-se com algum dos agentes do fisco. Nas capitaes do districto não se faz ideia como estas cousas correm por cá.

Aqui neste concelho o escripto de fazenda é um dos que entra na regra dos ultimos. Sabe pouco, e penso que não tem os melhores desejos d'acertar. Queixam-se por ali delle em alta grita, todos os que não são compadres. Na classificação das industrias andou mal, ou fosse por ignorancia, ou por má fé, porque collocou como officiaes os que eram mestres, como mestres os que eram officiaes, deixou outros de fora, esqueceu industrias que deviam ser collectadas, e sobrearregou aquellas que foram alliviadas pela lei. Não concedeu para gremios, e fez tudo como lhe pareceu. Diz-se até que já tem eliminado alguns por compadrio, indo nisto d'accordo com o recebedor interino, sem semelhante na ignorancia, e seu superior na vaidade. E' certo que muita gente se queixa d'elles, e que elles tem a precisa maldade para darem causa ao que se diz. Não sei até que ponto isto seria possível, mas parece que as novas contribuições não deviam ser cobradas, sem que as examinasse um empregado habil da repartição de fazenda do districto. Evitar-se-hiam assim muitos erros, e muitas injustiças. Em quanto isto se não toma como regra geral, sempre pedirei ao sr. delegado do thesouro do districto, que o faça ao menos a este concelho apesar de ser já tarde, ou então que nomeie para aqui alguém que melhor possa cumprir o seu dever. Isto assim é que não tem geito.

A segurança publica neste concelho não é boa. Já por duas vezes tem sido atacadas casas particulares por homens armados, que se diz andar por essas serras dispersos em guerrilhas de bandeiros. Naoute de 23 para 24 de dezembro perto das 2 para as 3 horas foi assaltada a casa do dr. Agostinho J. da Serra Chuquere, na quinta de Balcoabe, e seria saqueada se a familia não offerecesse resistencia, preparando-se para repelir a força com a força. Osslaltantes evadiram-se, e tendo depois acudido gente, foram perseguidos, mas sem resultado.

Naoute seguinte e pelas mesmas horas, batia-se á porta da loja de Antonio Ferreira da Silva, na quinta de Baixo. Um caixeiro perguntou quem batia, e responderam-lhe que abrisse a porta, por que queriam comprar sal. O caixeiro accreditou, e abriu a porta. Encontrou dous homens a cavallo e armados, que lhe disseram que viesse ao armazem, onde estava o sal. Felizmente o caixeiro desconfiou e parece que conseguiu tornar a fechar a porta. O caso é que os dous escapuliram-se disparando-se as clavinas. A policia anda-lhe na pista, e asseveram-me que por dez minutos não foram capturados no lugar de Paradella onde passaram.

Os saltadores de estrada parece que não são já desta epocha; ninguem ouve já fallar delles, a não ser nestas serras onde a falta de policia ainda permite que haja contos para estes animaes daninhos. Veremos se o nosso administrador consegue dar-lhes caça. Desconfio que não. Confio ainda mais na aversão que lhes tem o povo, que para os perseguir não precisa ás vezes da auctoridade.

Fico por aqui.

Desta vez escrevi muito, mas repito não podem contar que possa ser sempre tão extenso.

NOTICIARIO

Noticias da Corte. — Do *Diario* de 13 transcrevemos o seguinte: «Suas Magestades passam sem novidade em sua importante saude. Sua alteza o sr. infante D. Augusto continua na sua melhora progressiva, mas vagarosa. Paço do Lumiar 11 de janeiro de 1862, á uma hora da tarde.—Dr. Francisco Antonio Barral.—João Henrique Morley.—Manoel José Teixeira.—Julio Cesar Carvalho da Silva.—José Gualdino Carvalho da Silva.—Joaquim Thomé da Silva.—Antonio Maria Barbosa.

Sua alteza o sr. infante D. Augusto, continua na sua melhora, tem appetite, e o movimento febril está desvanecido. As dores que sua alteza tinha nos pés estão quasi extinctas; mas, em consequencia d'este incommodo, sua alteza ainda não pode firmar-se n'elles. Para isto tambem concorre a debilidade geral e o muito tempo que sua alteza esteve de cama.

Paço do Lumiar, 12 de janeiro de 1862, á uma hora da tarde.—Dr. Francisco Antonio Barral.—Manoel Carlos Teixeira.—Manoel José Teixeira.—Antonio Maria Barbosa.—José Gualdino Carvalho da Silva.—Julio Cesar Carvalho da Silva.—João Henrique Morley.—José Caetano Pereira.—Joaquim Theotônio da Silva.

Caixa economica. — Damos em seguida o balanço do movimento da Caixa Economica no mez de dezembro de 1861.

Entradas

Depositos recebidos.....	1:493,900
Letras idem.....	1:826,900
Juros idem.....	107,635
Saldo do mez antecedente.....	1:447,810
	4:876,245

Sahidas

Depositos restituídos.....	219,725
Emprestimos.....	1:648,780
Juros pagos.....	5,035
Despezas feitas com o expediente.....	175,175
Saldo em caixa.....	2:827,530
	4:876,245

Valor dos depositos existentes em 31 de dezembro..... 15:967,570
Valor das letras existentes na mesma data..... 13:885,270
Escriptorio da Caixa Economica d'Aveiro 1 de janeiro de 1862.

A. Pinheiro.

Secretario.

Junta da barra. —Consta-nos que tem havido ultimamente grande demora no pagamento das folhas, pertencentes ás obras da barra. Queixam-se-nos de que no seu pagamento ha demoras, oppondo-se-lhes embaraços e torpezas, que incommodam os operarios e fornecedores. Parece que alguns as tem procurado por muitas vezes sem conseguirem que sejam legalizadas a fim de as poderem cobrar do thesoureiro.

No tempo da passada junta, a qual inda hoje tanto se censura, eram as folhas immediatamente legalizadas e pagas. Então eram os proprios membros da junta, que se davam a esse trabalho; hoje tudo voltou ao primitivo estado, de que tanto se ralhou.

Cousas deste mundo. Atraz de mim virá quem bom me fará.

Commissão recenseadora. — Devia ter logar na quarta-feira a reunião dos 40 maiores contribuintes para a eleição da commissão recenseadora deste concelho. Contam-nos que a concorrência foi limitada em consequencia do retardamento dos convites feitos pela camara. Alguns dos que a lei chamava, receberam as cartas convocatorias, uma hora depois daquella que lhe era designada para comparecerem nos paços do concelho! E' isto para admirar, porque depois da reforma que houve na secretaria da camara, tudo ali anda perfeitamente!!...

No entanto, consta-nos, que a commissão foi eleita, e ficou composta do seguinte modo: effectivos, os srs. Cazimiro Barretto, José Justino Cerqueira d'Alpoim, Francisco Alves d'Almeida, João de Moura Coutinho, Agostinho Fernandes Milicio, Rufino C. Monteiro, José A. de Azevedo; e para substitutos os srs. João Carlos do Amaral Ozorio, Venancio D. de Figueiredo, José Joaquim da Silva Santhiago, João J. Fernandes, A. Homem de Moura, Luiz da Naia e Silva.

Voto. — Os estudantes do seminario episcopal desta cidade, fizeram voto de fazerem uma solemne festividade em honra do Coração de Maria, se lhes fosse deferida certa representação que haviam feito ao governo. A representação parece que foi favoravelmente deferida, e o voto realizar-se-ha no dia 26 do corrente, sendo oradores os dignos professores daquelle seminario, Goes, e Souza Janeiro.

Trabalhos da via ferrea. — Na semana finda em 11 do corrente, foram empregados nos trabalhos desta secção, 663 homens, e 2:800 rapazes e mulheres.

A maior parte destes trabalhadores são empregados na linha d'Aveiro a Esgueira.

Do «Bem Publico». — Estamos compungidos por ter transcripto do *Diario do Povo* a noticia de que as irmãs da caridade francezas que estavam no Porto, no hospital de S. Francisco, haviam comido bem, e dançado melhor na noute de Natal. A couza não é realmente para menos, em vista da severa reprimenda que essa transcripção, nos mereceu do *Bem Publico*. Não queremos ser infileirados ao lado dos taes *orgãos immundos*, e por isso damos já o dito por não dito. Mais vale passar por esta vergonha.

Mas o collega permite uma pergunta? Com que direito se quer arvorar em fiscal não só das noticias dadas pelos seus collegas, o que era ainda toleravel, mas tambem das transcripções feitas por elles, o que é novo e exótico na imprensa? Se a noticia é falsa, como dá a entender, discuta lá isso com o *Diario do Povo*, que provavelmente não nega o que disse; se não é, o que significa a sua sanha contra nós?

O que temos visto é que em tudo o que diz respeito a irmãs da caridade ha uma notavel intolerancia da parte de certo partido e dos jornaes que o representam. Até nisto denunciaram os seus intuitos retrogrados. Defendem-as calorosamente, mas não pela religião que amam tanto co-

mo os taes a quem chamam *orgãos immundos*, e onde é possível que haja sentimentos mais religiosos do que entre aquelles que os appellidam de hereticos e impios: defendem-as porque ellas servem á sua causa.

Deixe-se de biocos o collega. As beatices não enganam ninguem. Nós conhecemos muitos hypocritas que andam pelas igrejas, batendo nos peitos, e que não roubam o relógio do visinho, porque não podem cortar-lhe a corrente. Não lhe applicamos o caso, mas ha exemplos disto em diferentes gradações. Em todos os tempos a religião serviu de mascara á politica, mas nunca como agora. Actualmente é asqueroso, e torpissimo!

Explicar-lhe-hiamos d'outro modo o *dualismo*, que lhe parece notar, e que só existe na sua cabeça, se a noticia que diz respeito a este jornal não viesse concebida em termos... que provam a piedade do auctor. Louvamos-o por isso, e tão insuspeitamente que não vindo a noticia assignada, não fazemos cargo della a ninguem em particular mas sim á redacção do *Bem Publico*, que seguramente não é composta de *uma só pessoa*, sem que todavia se possa dizer que ha *dualismo* nella. Pelo menos parece-nos isso, e fazemos-lhe assim mais justiça do que nos fazem a nós.

Chronica districtal. — Chamamos a attenção dos leitores, principalmente dos leitores dos concelhos rurais deste districto para a bem escripta correspondencia que nos enviaram de Sevêr, e que vai publicada na Chronica Districtal. Ha alli considerações rasoaveis sobre o estylo e modo de escrever correspondencias para jornaes, que nós desejamos que fossem lidas por muitos que empregam o seu tempo em escrever-as. Pena é que todos não pensem como o nosso illustrado correspondente.

Pedimos, porém, licença para lhe fazer um reparo. A sua queixa contra os cavalheiros do districto, a quem encerramos a colaboração da Chronica, não é completamente justa, nem ella tem estado tão dezerta como inculca. Temos recebido para ella o auxilio de muitos dos nossos amigos, e se alguns se tem tornado remissos, creia o correspondente que não é por nossa culpa. Elles é que não se resolvem. Será indolencia? Serão affazeres, que os estorvam? Não sabemos. Talvez seja por não verem nisto interesse directo. E' possível, mas nós preferimos acreditar que outro é o motivo.

Temos tambem por importante a Chronica Districtal, e pareceu-nos propria do titulo e tendencias do nosso jornal. Resta que ella seja aproveitada. Ella ali está patente. O peor é que nem todos pensam, e podem escrever como o nosso correspondente de Sevêr. Esse é que é o caso.

Já que fallamos da correspondencia, iremos d'accordo com o seu auctor, pedindo ao sr. delegado do thesouro, que attenda ao que alli se diz a respeito do modo como se faz no concelho de Sevêr o lançamento da decima. Com empregados brancos, e além d'isso parciaes, não é possível que as cousas deixem de ir muito mal. Olhe por isso S. S.ª Faz um serviço áquelles povos, e cumpre um dever.

Arrematação. — Deviam hontem ser arrematados em Lisboa, alguns bens pertencentes aos conventos das religiosas desta cidade, e entre ellas umas marinhas que eram propriedade do mosteiro de Jesus, ás quaes haviam, segundo nos consta, muitos pertendentes. Partiram portanto para Lisboa diversos individuos d'aqui, com intenção de lançar nellas, e foram alem disso diversas procurações para o mesmo fim.

Parece-nos que estas arrematações deviam ser feitas nas capitaes dos districtos, em que os bens estivessem situados. E' dessas localidades, que são d'ordinario os compradores que, deste modo são obrigados ou a ir á capital do reino, ou a constituirem ali procuradores, que os representam. Os que não podem fazer isto, ficam privados de tomarem parte na arrematação.

Neste nosso paiz ha a mania de centralizar tudo na capital. O que pode ser d'alguma utilidade ou dependencia é necessariamente açamarcado por certos nichos, que ali ha, qualquer que seja o prejuizo que d'ahi rezulte ao paiz, em geral, ou a quaesquer povoações em especial.

E' isto o que aconteceu desta vez, porque o preço das propriedades das religiosas, subiria de certo mais se fossem vendidas nas capitaes dos districtos, e seria muito menor o incommodo para o geral dos compradores.

Interrupção de trabalhos. — Foram hontem interrompidos os trabalhos do caminho de ferro em Cacia, em consequencia d'uma especie d'alvoroto feito por alguns proprietarios, aos quaes não estão completamente pagas as expropriações feitas para o caminho. Parece que alguém, menos avisado e tomando por thema uma noticia do outro jornal da localidade, lhes fizera acreditar que as expropriações não lhes seriam pagas, e que com esse intuito se fazia espalhar pela cidade que a empresa já lhes não devia cousa alguma.

Impressionados por esta ideia, queriam que os trabalhos fossem interrompidos até que lhes fosse completamente satisfeita a importancia das expropriações. Foi, porém, ali o chefe da sessão, mr. Mazade, e fazendo-lhe ver o erro em que estavam, se offereceu para depositar logo toda a importancia, em quanto não chegava o respectivo escripto pagador, que devia legalisar as folhas. Com tal franqueza lhe fallou, que os mesmos donos das terras expropriadas foram os primeiros a pedir-lhe que fizesse proseguir os trabalhos, dispensando todas as seguranças que lhes eram offerecidas até á vinda do sr. Neves, escripto pagador, que deve chegar dentro de poucos dias.

Os trabalhos proseguem hoje com a mesma actividade.

Dados estatísticos. — Da *Opinião* tractamos a seguinte curiosa estatística:

Segundo os mapps apresentados pelo sr. ministro da guerra, n'uma das ultimas sessões da camara dos deputados, havia em 20 de agosto de 1861:

1786, officiaes de todas as gradações do exercito, cazados; destes, 1098 estão em serviço activo e 495 em situações inactivas. Dos activos 303 não tem filhos e 790 tem descendencia sendo esta de 1148 varões e 1205 femeas. Dos inactivos 139 não tem filhos e 495 tem descendencia, sendo esta de 800 varões e 844 femeas.

Assim, o numero total dos officiaes casados com filhos é de 1285 e dos sem descendencia 447. Os descendentes daquelles, d'ambos os sexos montam a 3997.

2425 praças de pret de todas as armas eram cazadas; das quaes 965 não tinham filhos; a descendencia dos 1460 é a seguinte: 1735 varões e 1680 femeas.

Decompondo estes numeros por armas, temos: 61 soldados do batalhão de engenheiros, cazados, 204 dos 4 regimentos d'artilheria; 205 dos 8 regimentos de cavallaria; 179 dos 9 batalhões de caçadores; 577 dos 18 regimentos de infantaria; 62 da companhia de saude, 761 dos 4 batalhões de veteranos.

Naufragos. — Diz o *Commercio do Porto*, que no dia 14 houveram trez naufragos na barra!

Apparecendo no castello signal de entrada, o navio inglez «Pearles» que estava mais proximo, approu á barra e entrou sem novidade.

Atraz d'este veio o patacho portuguez «Abalisado», procedente de Setubal, que faltando-lhe o vento ao chegar á barra, não pôde seguir nem retroceder, como o castello lhe mandou, arriando a bandeira.

A este tempo vinham tambem, já sobre a barra a escuna e patacho inglezes «Agnes» e «Edith».

Um d'estes abalrou com o patacho «Abalisado» e arrombou-lhe a borda falsa, em consequencia do que, foi o patacho encalhar em frente das pedras de Felgueiras.

Os dous navios inglezes, que pelo mesmo motivo de lhe faltar o vento, não podiam entrar nem desandar, poderam ainda assim, encalhar no Cabedello, salvando-se as tripulações sem perigo.

Não se deu infelizmente o mesmo caso com a tripulação do «Abalisado», que ficou encalhado muito ao mar, e sobre o qual se quebravam vagas alterozas e repetidas.

Quatro dos tripulantes, vendo o grande perigo em que se achavam, quizeram salvar-se no bote, mas mal o arrearom dos turcos, foi envolvido pelo mar, que o virou, levando trez d'os infelizes marinheiros, que não tornaram a apparecer. O 4.º, como sabia nadar, sustentou-se ao lume de agua, até que uma vaga o arrojou para a praia, onde pôde firmar-se, salvando-se, porque logo lhe acudiram.

Dentro do navio achavam-se o capitão e 4 tripulantes, que não vendo outro meio de salvagão lançaram ao mar uma pipa com um cabo amarrado. A pipa chegou á praia, onde se segurou a extremidade da corda, porém a distancia era grande, e o mar levando o cabo para o sul, n'uma grande curva, não se podia estabelecer o cabo de vai-vem.

O salva-vidas sahiu, mas conservou-se sempre a muita distancia do navio, tornando-se por isso inutil para salvagão dos naufragos.

Na praia do Cabedello compareceram os snrs. intendente da marinha e pilotos da barra.

Alguns capitães de navios inglezes, e um capitão americano, vendo que o salva-vidas se não aventurava a aproximar-se do navio naufragado, offereceram-se para com alguns dos seus marinheiros tripular o salva-vidas, e ir a bordo do «Abalisado».

O sr. intendente objectou dizendo que os offerentes se expunham a uma morte certa, e que se perderia o salva-vidas, unico recurso para a salvagão dos naufragos.

O sr. Machado, de Gaya, ouvindo isto, desappareceu d'ali, e, passados alguns minutos, foi visto já dentro d'um barco, com cinco ou seis barqueiros portuguezes, remando na direcção do navio, e, chegando a uma corça de areia que ficava a pouca distancia d'este, saltaram n'ella, comquanto ainda estivesse coberta d'agua, e diligenciaram agarrar o cabo que estava preso ao navio, o que conseguiram com o auxilio d'um corajoso varino, d'entre uns pontos que tambem seguiram o barco do sr. Machado, e que, nadando, pôde prender uma corda ao cabo, e puxado este para a corça de areia, pôde então atezar-se, e por elle se salvaram os naufragos.

Só depois é que o salva-vidas se aproximou da corça de areia, onde se achavam o sr. Machado, os barqueiros e vareiros que o acompanharam.

O naufrago que pelo mar foi arrojado á praia, ficou muito maltractado, e foi recolhido no hospital do salva-vidas.

O patacho «Abalisado» era propriedade do sr. João Francisco Gomes e Irmão, e vinha carregado de sal e arroz. Não se salva o casco nem a carga.

Os navios inglezes «Agnes» e Edith», ficaram direitos no sitio em que encalharam, e conta-se com a salvagão da carga, que é material para o caminho de ferro.

O primeiro vinha de Cardiff, á consignação dos srs. Chamigo Filho e Silva.

O segundo vinha de Newport, consignado ao sr. Coverley. O capitão d'este ultimo, está gravemente ferido na cabeça, porque vindo ao lema

uma vaga de mar o atirou d'encontro ao molinete.

Durante a maré da noite salvou-se o velle dos navios naufragados. Hoje continuam as diligencias para salvacao da carga dos navios inglezes.

As desordens na Madeira. — Os nossos leitores já sabem que se deram ultimamente desordens na Madeira. Agora vamos dar-lhes noticias das causas d'esses acontecimentos publicos, e como elles se passaram.

Em um dos dias do mez passado appareceu junto ao quartel de caçadores n.º 1, que se acha destacado no Funchal, uma carta firmada com o nome do juiz de direito, dirigida ao sr. ministro do reino. Nesta carta davam-se parabens ao sr. marquez de Loulé por ter vingado o plano do attentado contra a vida de Sua Magestade o senhor D. Pedro V, e assegurava que em breve seria propinado o veneno aos soldados do batalhão.

Esta carta correndo de mão em mão, foi lida por diversas pessoas do corpo; e o contheudo chegou ao conhecimento de todas as praças.

O sr. commandante obteve a carta á mão, e dirigiu-se aos tabelliães para a reconhecerem, mas nenhum a reconheceu, negando todos que a letra fosse do seu juiz.

O sr. juiz instou que lhe fosse entregue a carta para proceder ás indagações e autos necessarios, mas o sr. commandante não se prestou a entregar o documento.

Achando-se o juiz em audiencia, appareceu alli o sr. commandante, dizendo-lhe que julgava inconveniente que se procedesse a indagações judiciais no quartel, porque os soldados estavam agitados, e que por esta razão não respondia pela tranquillidade da força armada.

No dia seguinte os soldados recusaram-se a comer o pão, e atiraram-no ao caes.

A noite sahiu do quartel a musica do batalhão, e percorreu as ruas da cidade, acompanhada de soldados e paisanos, em numero de duzentos, pouco mais ou menos; e foram a casa do sr. conde de Farrobo, governador civil dando-lhe vivas. que s. ex.ª agradeceu, e ao sr. duque de Saldanha, e em seguida foram fazer assuada á porta da casa do juiz de direito e d'outras pessoas.

Como o sr. governador civil estava em grave desintelligencia com o secretario geral, e como o juiz de direito é pai do administrador interino do concelho, nomeado pelo secretario geral em quanto estava servindo de governador civil o sr. deputado Freitas Branco deu a entender na camara que fôra esta desordem promovida pelo sr. conde de Farrobo. (D. do Povo)

Pia fraude. — N'um dos ultimos numeros, ou no ultimo numero do *Mond Illustré*, chegado a Lisboa, diz a *Politica Liberal*, vem uma gravura representando uma visita do falecido e chorado monarcha, D. Pedro V, ao hospital de S. José no tempo da febre amarella.

Não vimos esta gravura, mas vimos uma copia em photographia. El-rei está em uma enfermaria, e á cabeceira de um doente ao qual toma o pulso. Do outro lado da cama representam-se uma irmã da caridade franceza e um padre lazarista. Cercando o sr. D. Pedro V estão diversos individuos, uns fardados e outros de casaca. No fundo da estampa estão outras camas, e á cabeceira dos enfermos outras irmãs da caridade. A um dos lados da enfermaria figura-se um bufete de desenho antigo, em cima do qual estão garrafas, canecas, etc. A parede da enfermaria está nua, e antes parece o muro arruinado de um quintal, do que parede de uma casa de doentes.

N'esta gravura ha inexactidões flagrantes, que não podem passar sem reparo e convem que sejam retificadas para credito do jornal que a estampou.

Para o hospital de S. José não foram individuos atacados de febre amarella.

Em nenhum dos hospitaes, que n'essa epoca se estabeleceram para receber os atacados da febre, havia casa nem mobilia como a que representa a gravura. Nem as irmãs da caridade francezas nem os padres lazaristas estiveram nunca, desde que chegaram até hoje em serviço nos hospitaes publicos.

El-rei D. Pedro V, na calamitosa epoca da febre amarella, visitou os hospitaes, é certo e mui honroso para a sua memoria; mas não consta que tomasse o pulso aos enfermos como o facultativo de dia, nem foi visto nunca, n'essas edificativas peregrinações, rodeado de estado maior, como se inculca na gravura.

Acresce que, na photographia que vimos, da qual a gravura de *Mond Illustré* será copia fiel, os rostos das figuras principaes são desconhecidos, para nós, ainda que alguns individuos pretendem ver n'ellas traços de pessoas conhecidas, porém não d'aquellas que acompanhavam habitualmente o finado soberano.

Que o assumpto da gravura é falso, — isso é indubitavel. Prova-se principalmente, pelo que deixamos exposto.

Qual o piedoso fim para que foi imaginado, dispensamo-nos de commental-o.

O *Mond Illustré* tem uma tiragem de milhares de exemplares; é um semanario conhecido e, por assim dizer, remetido para o mundo inteiro. Ora a gravura, de que tratamos, deve, naturalmente, por influencia de que dispõe a ordem (ou obra), ser reproduzida em outro, e em outros periodicos. Que maravilhosa publicidade não terá, pois, esta pia fraude!

Pode-se ver impassivel semelhante falsidade? As pessoas que desejam conhecer a photographia, de que fallámos, podem vel-a, em quanto não for retirada ou comprada, na rua do Loreto, junto á porta com o n.º 61, porque ali está em exposição juntamente com outras.

CORREIO

Não recebemos hoje tambem a nossa correspondencia de Lisboa, falta que não sabemos a que attribuir.

Os jornaes d'hoje publicam o projecto de resposta ao discurso da coroa que dizia um telegrama, publicado no *Commercio do Porto* d'hontem, que havia sido approved unanimemente na sessão do dia 14, e que as opposições regeneradora e cartista declararam que não faziam questão do referido documento politico, por estarem os animos ainda profundamente magoados pela morte do sr. D. Pedro V.

Eis o projecto da resposta approved:

Senhor!

A camara dos deputados da nação portugueza cumpre com profundo sentimento o doloroso dever de renovar nesta occasião solemne, perante Vossa Magestade, a expressão da sua dor pela infausta a prematura morte do Virtuoso Rei o Senhor D. Pedro V, de mui saudosa memoria, e dos Serenissimos Infantes seus Augustos Irmãos.

Senhor! A camara dos deputados confia que o influxo da Providencia divina e a consciencia de um grande dever civico hão de dar força ao animo varonil de Vossa Magestade para desempenhar a missão, que inopinadamente lhe coube em sorte, de reger os destinos da nação portugueza.

Se algum lenitivo pode suavisar a magoa a cerva, em que se acha submerso o paiz inteiro, é a bem fundada esperanza que tem todos os portuguezes de que Vossa Magestade, creado no mesmo amor ás instituições liberaes, educado nos mesmos principios de virtude, e inspirado pela mesma dedicacão á patria, ha de tambem realizar sobre o throno um modelo do perfeito Rei constitucional, e do bom cidadão, como o affiançam as nobres e solemnes palavras com que V. Magestade inaugurou o seu auspicioso reinado perante a representacão nacional!

Foi muito agradável á camara dos deputados a noticia de se haver celebrado o fausto consorcio de Sua Alteza a Senhora Infanta D. Antonia com Sua Alteza o Principe Leopoldo de Hohenzollern-Sigmaringem, pois o povo portuguez no seu amor e dedicacão á dynastia real, com a qual vê identificado o regimen liberal e o futuro do paiz, sente com ella as suas magoas, e participa do seu jubilo por todos os acontecimentos que a podem felicitar.

No meio das complicações que têm inquietado os gabinetes de diversos estados, muito se compraz a camara em ver que Portugal continua a manter boas relações com todas as potencias suas alliadas.

A camara aprecia devidamente que o governo de Vossa Magestade tenha empregado toda a sua solicitude na execucao das providencias que foram adoptadas pelo corpo legislativo, porquanto só da boa applicação das leis podem colher-se proficuos resultados, ou reconhecer-se os pontos em que carecem de correcção.

A camara dedicará toda a sua attenção ao exame e apreciação do orçamento da receita e despesa do estado, e das propostas e esclarecimentos relativos aos diversos ramos da administração publica que os ministros de Vossa Magestade lhe devem apresentar.

Grata á confiança que Vossa Magestade nella deposita, a camara dos deputados da nação ha de desvelar-se no empenho de cumprir a sua missão constitucional, cooperando com os outros ramos do poder legislativo para consolidar cada vez mais o credito das instituições politicas que nos regem, e promover o desenvolvimento da prosperidade nacional, indissolvelmente ligada com a observancia fiel d'aquellas instituições.

Sala da camara dos deputados, em 10 de janeiro de 1862.

Antonio Luiz de Seabra — José Bernardo da Silva Cabral — Vicente Ferrer Neto Paiva — Custodio Rebello de Carvalho — José da Silva Mendes Leal Junior — Anselmo José Braamcamp — Joaquim Thomaz Lobo d'Avila (relator)

A Opinião do dia 14 desmente o boato de se achar decidido o casamento d'el-rei o sr. D. Luiz I, com a princeza Maria Hohenzollern Sigmaringen, irmã da falecida rainha a sr.ª D. Estephania. Não obstante este desmentido continua a acreditar-se na capital que está proximo e resolvido o enlace do sympathico monarcha, embora senão possa designar por em quanto com segurança quem é a princeza escolhida. Esta resolução era reclamada pelo bem do estado, e conservação da dynastia reinante.

O mesmo jornal diz que o governo recebera communicação official, de que o Santo Padre ordenara que no dia 14 se celebrassem officios em todo o orbe catholico, por alma do senhor D. Pedro V. Isto tem alguma relação com o que se tem dito acerca do estado das nossas relações com a corte de Roma, e é provavelmente começo d'uma solução favoravel.

Nas camaras foi já apresentado o relatório dos acontecimentos tumultuosos da capital, o resolveu-se que fosse impresso na foi official. Começa a discussão na camara dos deputados sobre os projectos da successão e regencia.

Um telegrama do *Commercio do Porto* d'hoje diz o seguinte:

A camara dos dignos pares mostrou hontem pela votação da eleição da commissão para dar o seu parecer sobre os lamentaveis acontecimentos da capital nos dias 25 e 26 de dezembro ultimo que a opposição está ali em grande maioria.

De 45 votos que houve na camara, o digno par José Maria Eugenio de Almeida teve 42 e o digno par Sebastião de Carvalho 36.

A discussão do relatório é o campo da grande batalha parlamentar em ambas as camaras. Continua a ser interessante a discussão do projecto acerca da regencia.

EXTERIOR

Da *Politica Liberal*, extractamos o seguinte: Despachos directos

Madrid, 11 ás 4 horas e 20 minutos da manhã.

Comparam-se as condecorações protestantes em Hespanha com a tolerancia em Roma.

O *Times*, attribue certa brandura em Lincoln, na sua resposta á nota de mr. Thouvenel.

Em Berlin reccia-se que haja um conflito nas camaras.

Na ultima edição da «Correspondencia de Hespanha», de 9, encontramos os dois telegrammas seguintes, que confirmam a importante e desejada noticia, já conhecida em Lisboa, de que não haverá guerra entre a Inglaterra e os Estados-Unidos:

«Londres, 9.—Acabam-se de receber noticias de Nova-York com data de 28; entre ellas vem a mui importante de que os commissarios do sul, os srs. Masson e Slidell, capturados a bordo do «Trent», foram postos em liberdade pelo governo federal; o que afastando todo o receio de guerra, causou em Londres a maior alegria.»

«Paris, 9.—O «Moniteur» de hoje publica a nota seguinte:

«Um telegramma particular de Queenstown annuncia a chegada áquelle porto do paquete «Cidade de Washington» com correspondencia de Nova-York de 28 de novembro. Estas noticias dizem que o presidente Lincoln resolvera a restituição dos commissarios do sul, os srs. Masson e Slidell; e os jornaes de Nova-York accrescentam que o presidente fundou esta decisão na impossibilidade em que se encontrava o paiz de sustentar duas guerras ao mesmo tempo. Os mesmos jornaes suppõem que esta noticia terá melhor acolhimento nos estados do litoral, que nos do interior e oeste.»

Lê-se mais na «Correspondencia» da mesma data:

«Esta tarde á ultima hora, e quando não tinhamos occasião de verificar a sua exactidão, corre entre mui poucas pessoas, mas todas de importancia, a noticia de ter rebentado grande movimento reaccionario em Castellamare (Sicilia). Diz-se que á frente deste movimento figura um dos principes da casa de Napoles.»

Madrid, 14 ás 4 horas e 40 minutos da tarde.

S. M. o rei da Prussia enfermot. No Mexico emigram as familias hespanholas para Havana.

A França tomou severa attitude em Roma. No Libano houve grandes acontecimentos.

Dos jornaes recebidos pelo ultimo correio extrahimos os telegrammas seguintes:

—Da «Chronica dos dois mundos»:

«Paris, 7.—O «Moniteur» insere uma importante correspondencia de Veracruz na qual se defende e sustenta a idéa de formar uma monarchia da républica mexicana.

O congresso do Mexico rejeitou as propostas da França. O embaixador francez foi insultado e retira-se.

Reccia-se que occurram novos assassinatos. O general Dobrado, á frente de um corpo de exercito, ameaça Juarez.

«Londres, 8.—Ha noticias dos Estados-Unidos, que confirmam os boatos de paz que correm estes dias.

Lincoln entregará á Inglaterra os commissarios prisioneiros.

Ignoram-se as condições da entrega.»

«Turin, 8.—Rebentou uma insurreição reaccionaria em Castellamare.

O governo está disposto a combater-a energeticamente.

Com este fim saem forças de Palermo que se dirigem contra os insurgentes.»

«Paris, 8.—Ha recentes noticias do celeste imperio.

O principe Kong prendeu os ministros, e nomeou novo ministerio que se julga sympathico para os europeos.»

—Da «Correspondencia»:

«Londres, 6.—O «Times» annuncia que se celebrou conselho de ministros em Osborne, e n'elle se resolveu a convocação do parlamento para o dia 6 de fevereiro. Em o caso de que as noticias da America não fossem satisfatorias, o parlamento convocar-se-hia dentro de quinze dias.

O «Times» confia na paz.»

Na citada folha do dia seguinte não vimos confirmada esta noticia.

Parece que está concluido e assignado o tratado consular entre a França e Hespanha.

Nova-York 28 de dezembro. — A nota de Mr. Seward está coucebida em termos moderados, reconhecendo n'ella a justiza das reclamações da Inglaterra.

Paris, 8.—Thovenel dirigiu uma segunda nota ao cardeal Antonelli pedindo a sahida de Francisco II, de Roma. Diz-se que esta nota deve a sua origem aos esforços praticados de comum accordo pela Austria e Hespanha em sentido contrario ao de França.

ANNUNCIOS

PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

A FÉ CATHOLICA

JORNAL RELIGIOSO

PUBLICADO DEBAIXO DA DIREÇÃO

DO

Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu

Publicou-se o n.º 12 d'este interessante jornal. — Assigna-se em Lisboa no escriptorio do periodico a «Nação», rua da Encarnação n.º 20 1.º andar. Preço em Lisboa — Por anno, ou 24 numeros, 1\$200 rs. — Semestre, ou 12 numeros, 600 rs. — Dito para as provincias (franco de porte) — Por anno, ou 24 num., 1\$320 rs. — Semestre, ou 12 num., 660 rs. Toda a correspondencia e remessa de dinheiro ao local acima indicado ao sr. Antonio Joaquim do Vadre Manique.

QUEBRA DOS ESCUDOS

OU

DESCRIPÇÃO DAS CEREMONIAS

Que na cidade do Porto tiveram lugar por occasião do fallecimento dos senhores D. João VI em 1826 — e D. Maria II em 1853 — seguida da descripção do funeral do senhor D. Pedro V em 1861, — do jazigo dos nossos reis; — da cerimonia da quebra dos escudos n'esta cidade, — e de outros artigos que dizem respeito ao triste acontecimento que todos lamentam.

Vende-se na mesma cidade do Porto — na typographia Popular, rua do Bom Jardim n.º 69, defronte da Viella da Netta.

Preço 120 rs.

REVISTA CONTEMPORANEA

DE PORTUGAL E BRAZIL

(Tiragem de 2:500 exemplares.)

Directores, Antonio de Brederode, Ernesto

Biester.

Publicou-se o n.º 8 do 3.º anno.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Na capital Nas provincias

Por anno..... 2\$000 Por anno..... 2\$500

Por semestre.. 1\$100 Por semestre.. 1\$250

Avulso — 300 rs.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte a F. da Costa da Matta, administrador da *Revista Contemporanea*, no escriptorio do jornal, Calçada do Sacramento n.º 7 = sobre-loja, Lisboa.

ATTENÇÃO

A fábrica de fundição do Bicalho da cidade do Porto, continúa a encarregar-se de toda e qualquer encomenda para as obras do seu fabrico, em que cada vez, mais disputa a perfeição e commodiade de preços.

O extraordinario consumo de todas as qualidades de noras de ferro, denominadas — Estanca-rios — ; das bombas de ferro para poços de qualquer altura, — e fogões de fogo circular para cosinha — são a prova mais importante, de que os seus productos satisfazem á maior utilidade para os consumidores.

Fabrica obras de metal e cobre de qualquer feitio, e sinos por afinação; — e como a sua fundição é diaria, pôde satisfazer qualquer encomenda com muita brevidade; — e seu gerente se encarrega de mandar conduzir as obras para onde sejam destinadas.

Nesta fábrica ha para vender um coupé novo, ainda em bruto, e dois usados, mas em bom uso.

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.